A GREVE

Redacção de "L'Humanité Nouvelle" 11 Rue Garnier, 1, Neuilly sur Seine Paris — France

A emancipação dos trabalhadores será obra dos proprios trabalhadores

KARL MARX

ANNO I — REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GONÇALVES DIAS, 67, 2º ANDAR — Nº 5 NUM.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

RIO DE JANEIRO, 1º DE JULHO DE 1903

A GREVE GERAL

Como consequencia logica e fatal, dos argumentos que já temos desenvolvido, se apresenta a ideia da gréve geral. E' baseados no estudo dos fenómenos sociologicos e analise das relações humanas, que nós outros, os anarquistas, vamos traçando o nosso plano de campanha, sem nunca abandonarmos o terreno positivo das lutas praticas. Uma observação inteligente da vida quotidiana dos povos, dos acontecimentos que se estão a reproduzir de ãno para ãno com mais frequencia, basta para fazer sentir a necessidade latente dum meio de acção mais profiquo, mais decisivo, mais definitivo, que as simples gréves parciaes desta ou daquella oficina, desta ou daquella classe, desta ou daquella região; tudo nos indica ser tempo da activar a propaganda no sentido de estreitar o mundo operario num só abraço de solidaridade. Já não ha logar para as funestas divissões que até hoje nos têem enfraquecido e feito morder terra na batalha milienar contra os nossos opressôres. A razão já desperta no operario contemporaneo e sua consciencia começa de sacudir o turpor dos preconceitos imbecis, entrando no conhecimento da sua força para a conquista dos seus direitos e liberdades. Urge, portanto, que se tornem invenciveis por meio duma coligação sincera e formidavel, na defesa dos interesses cõmuns. E como ao inimigo astuto sobejam ardis com os quaes procuram enfraquecer as nossas fileiras, convém sempre os ter a bom recado afim de não cahirmos victimas das suas ciladas, trahidos pelas suas ypocrisias.

Nada de divagações dialecticas ou metafisicas. Ao largo todo sofisma e todo paliativo. Concretemos as nossas enegias nas lutas pelo real e que as nossas ideias correspondam, em tudo, aos nossos actos; pois que somos uma multidão de homens simples, cujos cerebros desacostumados ás especulações ociosas de casuistica, poderiam ser victimas duma ilusão si alimentassemos a vaidade injustificavel de seguir as passadas dos teoristas ridiculos que pretendem encarcerar a natureza nos circulos mais ou menos apertados dos seus raciocinios ou pervertel-a com as suas ideias extravagantes. Além disso é muito mais sabio, mais proveitoso, o estudo das questões em si, que discutir o que sobre ellas disseram este ou aquelle filosofo, taes os quaes escritores. Cada homem deve ter um criterio seu, filho dos seus proprios sentimentos, para julgar os actos individuaes ou colectivos; e si por ventura ainda não o tem, todo o seu esforço deve ser posto no sentido de creal-o, olhando para dentro de si mesmo, ouvindo atentamente á voz sempre leal dos seus instintos. Não ha pessoa, por mais ignorante, que não seja capaz de pensar bem por conta propria, uma vez emancipada dos prejuizos sociaes.

Isto de forma alguma quebrará o laço de solidaridade que desejâmos ver indestrutivel e que não cessaremos jamais de proclamar o elemento principal da nossa victoria.

E por assim pensarmos, não calaremos a necessidade das gréves, ainda que parciaes; e animemos todo movimento associativo, embora sobre bases rutinarias. Temos arraigada convicção de que, uma vez reunidos, os operarios começarão a vêr os erros que os ilude, os preconceitos que ainda os dominam, e forçando as berreiras do convencionalismo devassem os horisontes imensos da *iniciativa expontanea sobre a afinidade livre*. Ensaiando-se nas batalhas muita vez terriveis das gréves parciaes, cada qual irá perdendo o resto do respeito mistico pelos patrões inoculado velhacamente no seu espirito por uma educação jesuitica e pelo habito milienar da escravidão. Ao mesmo tempo, desaparecerá a suposta superioridade das classes directoras, dando advento a uma nova era de fraternidade entre os companheiros de sofrimento.

Mas é preciso não perverter a natureza dos factos, confundido as causas com os efeitos; convém não tomar por fim o que apenas representa um meio de acção coletiva, uma arma de combate sempre engatilhada contra o parasitismo que nos sitia, até que estejâmos preparados para romper o cêrco e desbaratal-o duma vez por todas. A victoria duma gréve, dando em resultado aumento de salario, melhoria de condições de vida, representa, de certo um acontecimento notavel, auspicioso para todos nós; porém a embriaguez do triunfo não deve cégar-nos ao ponto de dormirmos sobre os louros colhidos como se já houvessemos conseguido muito e nada mais nos restasse a fazer em proveito da causa cõmum. Convém nunca esquecer que as gréves são originadas pela desigualdade economica e que não devemos largar as armas emquanto esta subsistir. Satisfazermo-nos com uma insignificante migalha arrancada, a troco de mil sacrificios, áquelles que nos exploram, seria conferir-lhes, indignamente, o direito de nos roubarem.

Neste terreno não deve haver transigencias. Ou somos individuos conscientes e declaramos guerra implacavel a toda exploração, reclamando a soma total dos beus que a natureza nos proporciona, ou consentiremos que se nos marque ração, decahindo desta forma da nossa catégoria de homens livres, incidentemente prisioneiros das circunstancias, em despresiveis escravos, merecedores do escarneo e da ignominia com que nos cobrem os nossos verdugos.

Não ha fugir aos dois gumes deste clarissimo dilêma que a razão esgrime amparada pelo sentimento. Inutil qualquer subterfugio no intuido de iludil-o, as ideias já têem caminhado assás; ao voltar-se o olhar para o passado, vê-se-lhe o roteiro luminoso, juncado de cadaveres cujos labios parecem repetir, em côro, o derradeiro grito solemne de Angiolillo:—GERMINAL. O seus musculos contrahidos são fervorosos incitamentos á luta. Os seus olhos, deslumbram-nos pelo fulgor extraordinario da fé; são outras tantas estrellas a iluminar nos a estrada do dever. E a historia nos mostra que na escalada gloriosa do futuro, quem não avança cáe miseravelmente, sepultando-se no abismo da sua cobardia moral.

Recuar, é impossivel!

Em quanto as multidões se imaginem ter nas mãos a soberania sem possuir della mas que a aparencia, serão simplesmente rebanhos bons para o matadouro, ao qual se dirigem lançando gritos de alegria.

LAISSANT

A PAZ FUTURA

A psicólogia social nos ensina que é preciso viver igualmente prevenidos contra o governo estabelecido e o que se possa estabelecer. E' tambem interessante o exame do que representa na prática as palavras de aparencia anodina e que têem o poder de seduzir, cemo por exemplo: patriotismo, ordem, paz social. Sem duvida alguma o amor ao sólo em que se nasceu é um sentimento natural e simpático. Nada mais agradavel para o desterrado de seu paiz que ouvir falar a lingua materna, que lhe recorda a terra de seu nascimento E o amor do homem não se dirige somente até o lugar do seu nascimento, senão que se estende tambem á lingua em que lhe embalaram ao berço, e aos filhos do mesmo sólo, de cujas ideias, sentimentos e costumes participa, e, emfim, si sua alma é nobre, se sentira possuido de um grande fervor e paixão de solidaridade por todos aquelles cujos sentimentos e necesidades lhe são conhecidos Si isto fosse o patriotismo que homem de coração deixaria de ser patriota? Mas a palavra patriotismo oculta sempre um significado muito distinto de ternura e amor ao paiz de seus paes.

Por um extravagante contraste nunca se falou de patria com tão afetado entusiasmo como nestes tempos, cujo conceito vai desaparecendo para ceder seu posto a outro mais nobre; o amor ao Universo. Por todas as partes não se vê mais que bandeiras. As classes directoras falam de patriotismo a bôca cheia, ao mesmo tempo que colocam seus fundos no extranjeiro e negociam em Viêna e Berlim, aquillo que lhe produz pingues beneficios; explorando até os segredos de Estado. Os sabios mesmos, olvidando que noutro tempo quizeram constituir uma republica internacional falam agora de "sciencia franceza", de "sciencia allemã", como si fosse possivel estacionar entre nossas fronteiras debaixo da egida da guardia civil, o conhecimento das coisas; estabelecem o protecionismo para a sciencia como para os nabos e para os canhões. Entretanto, na proporção dessa mesma restrição intelectual dos *sabios* se desenvolve o pensamento dos modestos e dos estudiosos. Os homens de cima limitam seu dominio e seus criterios á medida que nós outros, os revolucionarios, tomamos possessão do Universo e engrandecemos nossos corações. Nós outros nos sentimos irmãos de todas os seres da terra, o mesmo dos americanos que dos europeos; assim dos africanos como dos asiáticos e australianos; empregamos a mesma linguagem para reivindicar os mesmos intereses, e aproximamos o momento em que possuidos do mesmo entusiasmo e da mesma táctica, baste uma só palavra para levantar se nosso exercito ao mesmo tempo em todos os recantos do munto.

Em comparação de este movimento universal, o patriotismo não póde ser outra coisa que uma funesta regressão sob todos os pontos de vista. E' preciso ser ingenuo entre os ingenuos para ignorar que o "catecismo do cidadão", predicando o amor da patria para servir ao conjunto dos intereses e dos privilegios das classes directoras, não faz sinão fomentar o odio de nação a nação; ontre os fracos e os deserdados. Com a palavra patriotismo e os cõmentarios modermos com que se a exorna, se encobre as velhas práticas de servil obediencia á vontade dum chefe e é abdicação completa do individuo em frente as pessoas que têem o poder, servindo-se do nação como de força céga. A palavra ordem e paz social, sôam tambem aos nossos ouvidos com formosa sonóridade, pórem nós outros queremos saber como esses apostolos do governo entendem o significado destas palavras. Sim; a paz e a ordem são um grande ideial digno de nosso esforço em sua defesa, porém com a condição que a ordem não seja a do cimiterio e a paz a de Varsovia. A paz futura, a que nós outros anhelamos, não deve fundar-se na dominação indiscutivel duns e no servilismo sem esperrnça dos outros, mas na verdadeira e franca igualdade entre companheiros.

Eliseu Reclus

LEI INIQUA

Para concluir a critica já bastante desenvolvida do projecto de lei n. 317 A, preciso pôr a questão nos seus devidos termos. A camara dos deputados quer abroquelar o estado e a burguezia com uma lei de excepção que esteja como um terrivel cutèlo sempre afiado para degolar a ydra do anarquismo, em qualquer momento, lançando o panico em nossas fileiras por meio da expulsão dos nossos camaradas nascidos em paizes diversos; pensam, ingenuamente, os legisladores da republica, evitar desta forma o alastramento das ideias revolucionarias neste delicioso seio de Abrahão, onde o parasitismo politico e industrial levantou tendas!...

Mas que insensatos que são!... Depois de tantas lições eloquentes da Historia, ainda não compreendem que a perseguição só faz progredir a causa dos perseguidos, tornando odiosos os seus algozes! Si não fôra o martirólogio dos christãos primitivos, o que seria hoje do christianismo?... E si isto se deu com uma religião que só falava de morte, oferecendo aos infelizes a esperança duma recompensa quimérica, o que se não dará (e de facto já se está dando) com uma concepção positiva, que reclama para todos os homens o direito de viver em nome da natureza, e demostrar-lhes scientificamente a possibilidade de serem felizes durante a vida, sem renunciarem aos bens terrenos?

Não é mister ser proféta para antevel-o. A expanção extraordinaria de nosso ideial, em menos de quarenta ãnos, basta para ter-se um juizo aproximado do que seremos em data não muito distante. Por todo o mundo já se faz sentir os efeitos beneficos da propaganda libertaria; como, pois, furtar o Brasil a esse fluxo de emancipação!...

Semelhante de-ejo, coisa é que muito depõe contra a mentalidade dos deputados brasileiros. Não admira; porém consterna tão deploravel desconhecimento das leis que regem a evolução humana e as revoluções sociaes. No entanto vejamos o que poderá resultar na ypotése de tornar-se lei o referido projecto.

Firmado em suas disposições, o governo poderá, num dado momento, vestir o béca de juiz num dos seus lacaios e mandal-o affligir a centenas de homens laboriosos com a pena de expulsão que os lançará aos azares duma inesperada mudança e desorganisação de vida. O estado talvez suponha assim vibrar um golpe mortal na Anarquia no Brasil. Mas como anarquistas tambem os ha brasileiros natos, sobre os quaes não será possivel sem grande escandalo estender a *tunica molesta* do carrasco republicano, estes ficarão no paiz e embora sofram as consequencias d'outras arbitrariedades não menos perversas, continarão a propaganda, máu grádo as furias do tirãnia. De resto, a violencia só produzirá o efeito de fortalecer no animo dos libertarios o odio á autordaide, e provar aos descuidosos os perigos a que estamos sujeitos emquanto os nossos destinos estiverem entregues á tutoria dos governos, emquanto formos joguete de homens que podem a seu bel prazer dispôr de tudo que nos pertence, até da nossa propia vida.

Agora olhemos o reverso da medalha. O estado declara guerra ao trabalhador estranjeiro, atacando-o duma forma insolita, lançando-lhe a vilta de pernicioso, tirando-lhe o direito de pensar livremente, colocando-o no papel de paciente besta de carga. Exige-lhe o contingente dos seus braços, aceita-lhe a colaboração no progresso material e intelectual do paiz, mas véda-lhe toda a iniciativa, impõe-lhe o silencio mais absoluto em torno dos seus actos e prohibe-o de pedir contas dos seus direitos, impossibilitando-o republicanamente de toda manifestação de independencia, de insurreição contra os abusos da autoridade. Em sintése: manda-o trabalhar como um galé paciente e resignado. Assim pretende prosperar a custa do braço estranjeiro, conservando porém, o povo no estado de atrazo e ignorancia em que ainda se acha.

Fanatizado, cégo por esta obcessão, não vê que faz a figura tragi-burlesca dos inquisidores que procuravam emudecer a razão para conservar o governo das almas, acorrentando as consciencias aos pés dum altar erigido sobre a mentira.

Por felicidade, o operario já se não deixa imolar como um rebanho de escravos servis ás ordens dos *senhores*. A luta contra os opressôres incrementa-se, revigora-se sob um aspecto terrivel, revestindo o caracter definitivo.

Na Republica Argentina, o governo e a burguesia começam de amedretar-se deante do resultado imprevisto das medidas terroristas empregadas no louco intuito de resolver a questão operaria. A propaganda habilmente desenvolvida nos diversos paizes da Europa, para que nenhum trabalhador se dirija as seu territorio, já tem produzido um abalo profundo, ao ponto de acusarem os ultimos dados estatisticos uma reducção assustadora na cifra dos emigrantes entrados. Ao mesmo tempo a ameaça de boicotagem ás cargas de sua procedencia lhe tem motivado sérios prejuizos á exportação; e para se ter uma ideia aproximada do pavor que se apodera da burguezia ante a posibilidade duma boicotagem basta dizer que dentre tantas companhias transatlantica que sulcam as aguas daquella nação, apenas uma se afoitou a receber a bordo os expulsos pela tirãnia republicana.

E' compreendendo a importancia desses acontecimentos que o general Roca procura apagar as labarêdas atêadas pelas suas violencias, e transige duma forma tão palpavel que chega ao ponto de mandar pôr em liberdade tres jornalistas anarquistas, dos mais agressivos á sua prepotencia. Um pouco antes, dizer muito menos do que estes companheiros hoje dizem pelas colunas dos seus periodicos, seria o bastante para envial-os, barra fóra ou envolvel-os num processo inquisitorial.

Em presença de factos tão significativos, ainda haverá quem se ilúda sobre os efeitos provaveis aqui duma perseguição semellante? Cidade essencialmente cosmopolita, póde o Rio de Janeiro prescindir do concurso do operario extranjeiro? Paiz novo e necessitado de braços que aproveitem as suas riquezas naturaes, como o Brasil sem grandes prejuizos, resistirá a um ataque vigoroso na sua corrente emigratoria?...

Que meditem estas palavras os homens que por ventura ainda não tenham a consciencia embotada pelas intrigas politicas; e lembrem-se todos que se a industria, o cõmercio ou a lavoura vierem a sofrer pela falta de braços, não será, certamente, no seio da camara, entre os parasitas dos setenta e cinco mil réis diarios, que se encontrarão os meios de resolver a crise.

Pausilippo da Fonseca

"Não matarás", e a onda de sangue nos afoga: "não roubarás", e nos vemos rodeados de rapinas; não mentirás", e tudo o que ouves e tudo o que lês e ainda tudo o que admiras é ypocresia, falsidade e convencionalismo.

R. DE MASES

Mulher, desperta!

Em nome de um Deus de justiça, amor e misericordia, idiotisaram-te e escravisaram-te. Sómente promessas de recompensas para depois da morte, te fizeram resignada e cobarde. O padre fala-te sempre de deveres, jamais de direitos, e com semelhante educação tem conseguido o burguez explorar-te a seu gosto. Tua condição é tão miseravel que em todos os actos da tua vida, procedes sem consciencia, rutinariamente, deferenciando-te duma máquina por certos gráos de sentimentalismo e mesmo este mal encaminhado. Não ha exagero, amada minha, vou proval-o.

Quando solteira, escravisada ao poder dos teus paes e tutores, has de obrar segundo seja, não tua vontade, sinão a delles, ainda que contra o teu modo de sentir, resultando muitas vezes que a desgraça de toda tua vida deriva desta triste condição tua, pois fostes obrigada a te unires para sempre a um ser que não é o eleito do teu amor. Já casada, si a sorte te deparou um homem grosseiro, com arraigados vicios ou defeitos, paciencia é a unica coisa que te recomendam e sob o seu jugo has de estar si quizeres a consideração de boa esposa. Quando mãe, victima desse embrutecedor ambiente desconheces por completo a que estás obrigada para a melhor robustez e desenvolvimento dos teus filhos. Cuidou-se muito de enxertar-te doutrinas, porém sobre ygiene fisica e moral, nada te disseram, e neste estado se te vê chorar com acerba dôr uma enfermidade qualquer de teu filho, sem pensar siquer, na causa que a produz. Tua perspicacia de mãe não acorda ante os tesouros que desperdiça o burguez em brinquedos para seus filhos, tesouros com o qual terias salvo da morte a teus pequenos.

Mas deixaram-te um consólo: a casa do *justo pae de todos* está aberta, com seus altares cobertos de imensas riquezas. Ali acodes, prosternando-te ante um Deus *misericordioso*, a dar-lhe graças pela morte de teu ser amado, de teu filho. Póde dar-se maior desvio ao sentimento?

Ainda ha mais; aos filhos que não lhes coube a sórte de morrer na infancia da vida, ao ser homem, quando chega á idade em que póde manter-te em tua prematura velhice, te roubam em nome duma lei que jamais se lembrou de ti no momento em que sofrias; ao teu filho, se lhe dá uma arma para matar a quem lhe ordenarem, e si esta pessoa fores tú, ou os teus, tem de obedecer, porque se tal não fizer terá com isso perdido a vida.

Já vês, infeliz mulher, a tua condição mesquinha, inhumana. O fatal padre é o culpado de que tu vivas num mais baixo nivel que os irracionaes.

Por sorte tua ha homens de grande coração que se interessam pela tua sorte; elles se instruem e se associam para lutar contra os que nos roubam, envilecem e matam a todos. Si amas a teus filhos aparta os olhos do céo e do altar e fixa-os em nossa mãe Natureza; ella te ensinará a amar. Une-te a teus companheiros de infortunio para lutar, e si para isso te falta valor, ao menos tem dignidade, tem criterio proprio, não te constituas por tuas preocupações em inimiga dos que lutam por fazer-te digna e salvar a teus filhos das cadeias que nos oprimem. A luta anti-militarista está declarada; o mauser sustentaculo de todas as tirãnias politicas e religiosas ha de ceder seu lugar ao livro. Mulher, presta teu concurso a tão humana obra. Mulher, desperta!

Teresa Claramunt.

CRÓNICA IBERICA

Queridos amigos e companheiros d'*A Grève*: Correspondendo a vossos justos desejos e gentil vite, remêto hoje a presente crónica, á qual ederão outras, dando conta do movimento liario social desta peninsula.

qui em Espanha os preconisadores da violene cima, das repressões sangrentas, essa trinsintetica chamada Moret-Maura-Silvela, am restrictamente suas téorias.

O mauser impéra de tal maneira, que se torna de todo impossivel suportar por mais tempo ás investidas ferozes dos brutos fardados que tão barbaramente o manejam.

Já não ha em toda a peninsula logar tranquilo ante a vista da *guarda civil*; jorra sangue humano dos infelizes inocentes, de honrados e pacificos trabalhadores.

Num curto lapso de tempo, o precioso sangue dos humildes filhos do trabalho tem sido abundante e violentamente derramado por campos e cidades, aldeias e vilas. Motivos que justifiquem essas crueldades? Não ha que buscal-os; qualquer insignificancia é motivo suficiente, neste paiz, para dar larga expansão aos instintos carnivoros dos que ordenam de cima e ás satisfações brutaes dos que de baixo obedecem torpe e cegamente.

Córdoba, Infiesto, Salamanca, Punilla, Badajóz, Almería, etc., têem sido os mais recentes téatros, onde se ha oferecido ao publico paciente, os sanguineos espetáculos dos crimes governamentaes e burguezes.

Assim, um povo (Córdoba) que por falta de trabalho e excesso de miseria se lança pacificamente nas ruas á procura do que lhe é de suma necessidade e recusa admitir para elle só, para os filhos do logar, as migalhas que lhes oferecem burguezia e autoridades, porque, obedecendo a um bélo espirito de solidariedade, o querem para todos que no logar vivem, sejam ou não filhos do mesmo, segundo opinião dos de cima, faz juz ao ferro ó á bala. E para ali segue a *guarda c vil* com a culatra do *mauser* encostada ao hombro, disparando á direita e á esquerda, caçando selvagemente aes infelizes que, reclamando pão e trabalho, recebem bàla e o eterno descanso...

Outro povo (Infiesto) que, demasiadamente ignorante, sugestionado por um deputado ou um farçante, que é o mesmo, se entretêm puerilmente a quebrar urnas eleitoraes e dar-se á rixas com seus adversarios politicos, não merece, a juizo dos *mantenedores da ordem a tiro limpo*, outra coisa que se lhes mandar um piquete de *benemeritos civis*, para fazel-os comprender pela razão da força, que o povo não tem nenhum direito a protestar, nem tampouco a reclamar a respeito á sinceridade e á lei, por bem estatuida que esteja, ainda que esta lei seja a do sufragio universal (farça universal) e o direito estúpido e tonto á *livre* emissão do voto de cidadão... E ali vão *aquelles* a estabelecer a paz varsoviana deixando sobre o campo da luta uma dezena de cadaveres e numerosos feridos, graças sempre ao grande pacificador *Sr. Mau er*, como disse Silvela.

Noutro povo (Salamanca) os senhoritos estudantes os filhos dos papaes burguezes, protestam a gritos contra uma real ordem decretada pelo ministro competente, e que elles consideram imprudente; pois .. civis á rua e o *mauser pacificador* entra outra vez em funções, invadindo a Universidade, assaltando brutalmente as aulas e atropelando indiferentemente a todos quanto estavam dentro, reitor e catedraticos inclusive; acabando o trabalho com cinco cadaveres e numerosos feridos, que escapavam como podiam, deixando rastros de sangue.

Quando seus companheiros de Madrid protestam contra essa nova salvajeria... pois, se lhes metralha tambem e ahi tereis um novo cadaver e quatro ou cinco feridos a mais.

E...para que continuar? Assim sucessivamente o *mauser* se encarrega de solucionar e calar todos os conflictos e protestos de baixo, convertendo Espanha num imenso lago de sangue inocente e honrado.

Depois dessas carniceirias vem a segunda parte, a mais imprescindivel. Abrem-se de par em par as portas dos carceres e para dentro impélem, os verdugos autoritarios, a novas e numerosas victimas inocentes, arrancadas violentamente de suas casas sem atenção pelos soluços das mães, esposas e filhos, que inutilmente invocam a inocencia das victimas para que não lhes seja arrebatada sua liberdade, que implica o pão quotidiano que para logo lhes ha de faltar.

Nem se ouve, nem se atende; nada, absolutamente nada. Os *revolucionarios de cima* necessitam victimas e estas se acham de pronto. E nas necrópolis ou nos carceres, apodrecem os corpos dos homens que foram fortes e robustos para produzir como maquinas, para seus exploradores, seus juizes e seus verdugos, e vão-se aniquilando lentamente suas energias fisicas e sua saude intelectual.

Em pouco tempo, em Espanha se tem derramado muito sangue, graças ás brutalidades de cima e purga em presidio delictos não comêtidos, uma infinidade de homens sãos de coração e fortes de inteligencia.

Não é debalde que vivemos a dois passos de Riff. Não embalde se diz que Africa principia nos Pirinêos espanhóes.

Mas, quando se abrirão as valvulas que comprimem as justas impaciencias das multidões populares?

Nosso martirólogio se faz demasiado longo.

E sem embargo de tão violenta repressão, o proletariado militante espanhol, saturado perfeitamente do ideial libertario e consciente de sua condição humana e de sua finalidade social, não retrocede nem um passo no terreno de suas conquistas contrâ o egoismo burguez, a tirãnia governamental e o sectarismo religioso. Assim, em sua intransigencia nobre e elevada, conseguiu conquistar um posto proeminente entre o proletariado universal, e um tácito titulo de beligerancia entre seus mesmos inimigos de todas as classes e catégorias.

O libertario de hoje, por sua inteligencia, seriedade e moral bem cimentada por uma irrefutavel logica, que para si quizêram nossas classes privilegiadas, constitue a melhor garantia de progresso, havendo-se captado as simpatias de todos os humildes que ainda sem forças para se redimir por si só, vêem com prazer o esforço que seus irmãos em exploração a sofrimentos, verificam para estabelecer prontamente a sociedade nova e livre que em distinctas publicações, nós, os libertarios, preconisamos.

Reservando algumas interessantes notas para estampar na proxima crónica, pois esta vai sendo demasiado extensa, me dispeço até a seguinte quinzena, quando tornarei a vos escrever.

Richard.

Espanha, 1º de junho de 1903.

A obra dos governos é cem vezes peior que a do bandido da Serra Morena. O bandido despoja de preferencia aos ricos; o governo, aos pobres, e ainda por cima favorece aos ricos que o ajudam no crime. O bandido arrisca a sua vida; os governantes longe de arriscar suas pessoas, obram pela astucia e pela mentira. O bandido não recluta a ninguem pela força; e os governos reclutam.

TOLSTOI

Inutilidade das Leis

E' sabido que as leis foram creadas: umas para impedir toda iniciativa que não esteja unida á carrêta do progresso burguez e governamental, carrêta e progresso que marcham a passo de caranguejo; e outras tão sómente para fazer victimas a quem castigar. Nenhuma lei tem a virtude de prever os delitos e evital-os. Ellas foram concebidas por uma casta de homens sabios porém estes sabios não souberam ou não quizeram atacar as causas que produzem os delitos; sentem prazer em atacar apenas os efeitos. A ignorancia e a miseria são os factores principaes de todo o crime. Entretanto, ao em vez de combatel-as, ainda se trata de fomental-as com mais força para dar emprego ao parasitismo judiciario.

O povo aceitará como necessaria esta nefasta instituição, o proletariado dará seu contingente em numero suficiente para que tenham ocupação todos os inuteis: advogados, juizes, carcereiros, etc.

No Brasil como em qualquer paiz, as leis são arbitrarias, filhas esclusivas da vontade dos governantes. Mas, de todas ellas, a mais absurda é sem duvida a lei de residencia, recentemente votada pela Camara dos Deputados, lei que, com tanta pericia, tem discutido nesta folha o nosso companheiro Pausilippo da Fonseca (1) e que motiva o presente artigo.

Sou domiciliado nesta capital proximamente a seis annos; e neste curto periodo de tempo, quantas coisas já tenho visto fazer fóra da lei! quantos atropêlos á lei mesma pelo seus guardadores! Si fosse a relatar todos, teria material para todo o periodico; porém não deixarei de consignar alguns para que não se me queira chamar mentiroso.

Pouco depois da minha chegada, se deu um processo ruidoso no qual haviam envolto varios personagens politicos e outros menos afortunados. E no entretanto, sómente um, talvez o mais inocente, foi condênado a 24 annos de prisão. Refiro me a Deocleciano Martyr, cidadão brasileiro. Elle não matou a ninguem; foi condênado por crueis rivalidades politicas. Pobre homem! sepultado em vida!... Si isto se déra num paiz onde o jornalismo não fosse todo mercenario a victima já teria recobrado a sua liberdade. Façamos, pois, constar que elle não foi condênado por lei alguma, visto como não se lhe provou delito.

Por aquelle mesmo ãno se declarou uma gréve no matadouro de Santa Cruz e os grevistas foram barbaramente fusilados.

Estão vivos em nossa memoria os sucessos de 1900 durante a gréve dos cocheiros, assim como os assassinatos quando a Campanhia de S. Christovão quiz aumentar as passagens. Recentemente a gréve da fabrica "Cruzeiro", onde a policia cometeu toda a sorte de desatinos; e por ultimo, faz um mez, pouco mais ou menos, que o delegado da 7ª urbana deportou para Genova um italiano só por dizer que era vagabundo.

Ora, num paiz onde tantos abusos se cometem com a criminosa cumplicidade do jornalismo e da opinião publica, que necessidade ha doutras leis? Basta satisfazer o gosto do tirâno.

Nós outros que na qualidade de anarquistas não vemos em todas as leis mais que uma aberração extravagante, na de residencia só vemos o acto de pôr-se o emplastro antes de sahir a brotuêja.

Mas, como era natural, a brotuêja devia sahir, e sahiu *A Grève* e suas ulteriores consequencias.

Longe de nossos animos protestar; sabemos bastante bem que na arbitrariedade está a melhor semente que fará germinar o bêlo ideial de Emancipação. Ainda que não queirâmos seremos considerados estranjeiros; basta não havernos nascido no que se chama sólo brasileiro, para sofrermos os primeiros efeitos da citada lei.

Mas, que importa isso! Aqui, como ali, gritaremos com toda a força de nossos pulmões, Viva a Anarquia! Viva a Revolução Social!

Eduardo Palacios

(1) Leiam os artigos "Lei Iniqua", publicados nos ns. 1, 2, 3 e 4 d'A GRÉVE.

A soberania do povo é uma pura ficção, não existe.

A ideia de soberania é absoluta: não tem nem seu menos nem seu maximo; não é divisivel nem quantitativa nem qualitativamente. Sou soberano? não cabe sobre mim outra soberania, nem a posso conceber.

PI Y MARGALL

Movimento Social

Dentre os paizes da Europa, é a Italia um daquelles onde o trabalhador vive mas oprimido pela dupla tirânia do estado e da burguezia. Tão grande é a soma de sacrificios que o governo exige do povo, a tal ponto sóbe a rapinagem desenfreada das classes dirigentes, que até jornaes burguezes, como *La Patria Italiana*, não vacila de aconselhar ao povo "resistencia contra os impostos expoliadores". Pensa o referido jornal que só assim será possivel extinguir os abusos da administração publica. E para dar uma ideia da situação aflictiva em que se acham ali os operarios, basta dizer que em 1902, a fome obrigou 521.000 pessoas a emigrarem do territorio italiano.

Entretanto os empregados publicos são fartamente remunerados, mantêm em pé de guerra um exercito numeroso, a esquadra italiana é uma das maiores do mundo, a côrte ostenta um fausto orientalesco e a nobreza como a burguezia nada tem a invejar ás dos paizes mais ricos. O contraste não póde ser mais flagrante, e quem quer que não tenha o coração impedernido, não poderá deixar de indignar-se contra os autores de tamanha injustiça. D'ahi as frequentes comoções que se passam naquelle paiz.

Das ultimas noticias, sabemos que em Roma preparam-se os tipografos para se declararem em gréve em vista da demora dos patrões em atenderem ás suas reclamações.

—No processo instaurado contra os agitadores de Lecce, foram condênados nove dos processados, sendo absolvidos os onze restantes.

Para quem está acostumado a vêr como entendem a justiça as autoridades daquelle paiz—onde os *suicidios*, nas prissões, á maneira dos de Bresci e ultimamente do marinheiro D'Angelo, no carcere de Regina Cœli, são casos frequentissimos — esta nova condênação não sorprendeu.

— Em Napoles, realizou-se, no dia 21 do passado, um comicio dos operarios mecanicos desocupados, para o fim de reclamarem trabalho.

—Os operarios das fabricas de sabão de Bari declararam se em gréve. E ém vista do grande numero de adepções que elles tem recebido, as autoridades, receiando uma gréve geral tomam medidas terroristas.

—Os padeiros de Crispiano declararam-se em gréve, e respondem aos ataques da policia com actos de energia e coragem.

*

ESPANHA.—Si os homens do governo não tivessem a razão corrompida pelas práticas da tirânia, o que se passa agora na Espanha seria uma lição fecunda de ensinamento.

Em nenhuma parte desse paiz, o governo se mostra mais violento, mais inquisitorial, que na Catalunha. E não obstante é ali, talvez o maior reducto da ideia emancipadora. Barcelona, a despeito dos continuos golpes, abusos de que são victimas os seus habitantes, cada vez mais fortalece o seu espirito revolucionario, afrontando a furia carniceira dos carrascos.

Uma prova disso é o movimento que mesmo agora se opera, apavorando a burguezia com o espantalho duma gréve geral.

Pelas ultimas noticias que temos, o numero dos grevistas já é superior a 50.000.

— Na Andaluzia impera um costume muito semelhante aquelle que fazia os espartanos sujeitarem os ilótas a um surra ânual, para lembrar lhes a sua condição servil. Ao chegar o mez de julho se inaugura um sistema de repressão verdadeiramente cruel. Na campina andaluza não penetra mais que a latego do guarda civil e o atropêlo do cacique regularmente alcaide e maior proprietario do logar. Inutil toda acção regeneradora para libertar ao camponez andaluz do jugo brutal dos seus verdugos. Em apoio do burguez rico estão toda a policia, toda a guarda civil, o proprio exercito e as leis.

Mas, como tudo no mundo, a paciencia humana tem os seus limites. E foi por isso, que os operarios de Xerez, cançados de tanto sofrêr, se declararam em gréve, num bélo movimento de altiva represalia. As violencias do governo para sofócar os primeiros levantes dos servos da gleba, responderam os demais trabalhadores, declaramdo-se solidarios. Fez se, por tanto, a gréve geral em Xerez.

Pouco depois, os camponezes de Málaga e Sevilla faziam causa cômun com os de Xerez e o governo impotente para exercer em toda a plenitude a sua autoridade opressiva, teve necessidade de prohibir a seus soldados de vigiar os campos. Estava, pois, vibrado o primeiro golpe na burguezia, e com quanto não tenhâmos ainda noticias precisas, pelo incompleto serviço telegrafico dos nossos diarios presumimos que a victoria coroou os esforços dos nossos companheiros dali.

*

PORTUGAL.—Das ultimas noticias, infere se que a burguezia do Porto capitulou deante da energia desenvolvida pelo operariado em gréve geral. Durante o tempo da permanencia da gréve a censura mais rigorosa foi imposta ás cômunicações para o exterior. Pensava assim o governo jesuitico de sua magestade fidelissima, encerrar nos limites *do seu reino*, os clamores de indignação suscitados pelas crueldades de que foram victimas os nossos companheiros residentes naquella cidade. Inutil cobardia esta, do carrasco infame, que esconde o rosto por traz duma mascara pensando assim escapar á execração da posteridade.

Entretanto ao passo que a inquisição revevia no orto, para afogar no sofrimento a consciencia dos nossos companheiros, certos jornaes d'aqui, procurando satisfazer á curiosidade dos seus leitores, distraiam se a inserir crónicas portuguezas escritas no Rio de Janeiro, e narraram factos que só existiram na imaginação imbecil dos seus redactores.

Comtudo os operarios venceram. A arrogancia da burguezia foi mais uma vez humilhada pela união vigorosa dos trabalhadores. Nada valeram aos burguezes as prisões arbitrarias dos nossos companheiros abordo dos navios de guerra e nos carceres das fortalezas; nada lhes valeram as expulsões sumarias dos supóstos extrangeiros A gréve seguiu o seu curso fatal. O proletariado do Porto mostrou gloriosamente que sabe tambem lutar e vencer.

*

CHILE.—Até a data em que escrevemos ignoramos o resultado do arbitramento, intentado para resolver a gréve de Valparaiso.

Deante das continuas provas de energia dos nossos companheiros residentes no Chile, a imprensa burgueza d'ali, finge interessar-se pela questão da reducção das horas de trabalho, procurando assim conquistar as simpatias do operariado. E o governo tambem faz constar nutrir muito boa vontade a tal respeito.

Pensam, elles, desta forma pôr termo a questão operaria, fazendo reinar a falsa paz social, como se paz verdadeira podesse haver entre os homens em quanto perdurar a desigualdade economica.

*

ARGENTINA.—A despeito da perseguição artoz desenvolvida pelo governo do caudilho Roca, contra os nossos companheiros residentes em Buenos Aires e outras cidades do paiz que é sua feitoria, o operariado não se deixa esmagar docilmente, como um rebanho de escravos. Aos ataques do governo que manda assassinar homens em plena rua pelos seus assalariados, respondem com altivez, nunca abaixando o pescoço para que sobre elle seja ajeitada a canga da tirânia.

Uma prova disso é a gréve dos estivadores do porto de Buenos Aires. E como a empreza teimasse em ceder as justas reclamações dos grevistas, outras corporações de operarios declararam-se em greve. Os sapateiros de La Plata foram dos primeiros a se manifestarem solidarios com os trabalhadores do porto.

A burguezia de cuja memoria ainda não sahiram os sucessos do ãno passado, começa de aterrorizar-se. O governo por sua vez compreende a negatividade dos abusos cometidos para aterrorisar o proletariado; mas como é teimoso, ainda colóca o punhal homicida nas mãos dos seus esbirros.

*

MONTEBIDEO — Companheiros d'*A Grève*

Saudações.

Para que os conservadôres de todas as injustiças da sociedade actual não continuem afirmando que a questão social não tem razão de ser aqui na America, quero dar-lhes a conhecer o movimento operario de Montevidéo, afim de pôr meu grão de areia no "Movimento Social" desse simpatico periodico.

Os mercenarios da imprensa bonairense, quando viram que os ultimos successos do Chile tomaram um verdadeiro caracter revolucionario, abandonaram seu *parecer* do tempo da gréve de Buenos Aires e proclamam a necessidade dos governos estudaram a questão operaria.

Como o meu objecto não é detalhar-lhes o movimento social d'aquellas nações, debaixo do ponto de vista operario, me concretarei sómente a pôr-lhe ao corrente do que se passa aqui.

No dia 1º de maio celebrou-se, como sempre, a manifestação de homenagem ás victimas da burguezia norte-americana, imoladas inocentemente em Chicago, em virtude duma sentença condênatoria, fabricada pelo tribunal daquelle estado, infamia pela qual cobraram a Makay e outros burguezes a quantia de *ses enta mil dol'ars.*

A manifestação foi bastante concorrida, e sobretudo podemos assegurar que seus componentes eram elementos de consciencia e não individuos que tomam o dia 1° de maio por um dia de festa, em vez de ser um dia de luto para a classe explorada: era uma manifestação sem chefes e por isso era béla e grande.

No mesmo dia á noite houve função e conferencia no "Centro Internacional". Esta esteve concorridissima.

Ha poucos dias declarou-se a gréve dos alfaiates e depois de varios dias de resistencias e união triumfaram em toda linha. Conhece-se que têem consciencia dos seus direitos de homens, tendo se em conta a base em que descançam os seus manifestos *ao povo*.

O gremio dos padeiros esteve a ponto de declarar-se em gréve, porém, parece que os *senhores* patrões compreenderam que sua resistencia seria impossivel, ante a união dos operarios, e está em conchavo com elles, antes de sofrer as consequencias da parada do trabalho.

Domingo, 17 do corrente, se deu principio á série de conferencias que se efeituarão todos os domingos na praça publica. A primeira teve logar na praça Sarandi, e esteve muito animada, causando bom efeito até aos elementos inconscientes.

No dia 24 de maio se deu a segunda conferencia publica, a qual foi concorridissima.

Em todos estes casos, gozamos plena liberdade, e se nos rodeia completamente de policiaes para que não chegue até nós a baba venenosa da burguezia: *a policia aguenta tudo.*

A 1° de junho aparecerá aqui o novo periodico *La Verdad*; contemporaneamente aparecerá o numero correspondente de *La Rebelión*.

Segunda-feira, 25 do passado, o deputado *senhor* Setembrino Peneda, deu uma conferencia anti-clerical, no Club Liberal Francisco Bilbao. Como esta conferencia nos interessava a *todos* por que se tratava da prohibição da entrada das congregações religiosas no paiz, concorrêmos de tal maneira, os inimigos do obscurantismo, que todo o auditorio

era anarquista; pediram a palavra varios companheiros e foi-lhes negada redondamente. Não estranho este procedimento: são jesuitas de casaca!...

Junho, 3—de 1903. — *A. Sanchez.*

P. S. — Acaba de declarar-se a gréve dos padeiros. A *ordem* não foi alterada ainda, porém, dada a simpatia que todos os operarios de Montevidéo têem pelo gremio que está em gréve não será estranho que em caso de resistencia por parte dos donos de padarias surjar a gréve geral.

Acabam de chegar os delegados chilenos, mas estou muito certo que não levarão á sua terra muito boas impressões da recepção que aqui lhe foi feita pelos operarios: foram recebidos com uma vaia infernal.

Para mas detalhes, ahi lhes mando uns manifesto. — *O mesmo.*

NOTA — Os manifestos de que nos fala o nosso estimado companheiro são boletins vehementes de protesto contra o assassinato do proletariado chileno pelas classes armadas; boletins que bem provam o alto espirito de solidariedade do operariado de Montevidéo

A redacção.

A republica franceza, que tem por divisa na fachada dos seus edificios publicos escrito: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", conserva em tempo de paz 600.000 homens encerrados nos quarteis, submetidos á disciplina militar e dispostos a matar os trabalhadores que queiram conquistar seus direitos á vida; isto é, 600.000 presos, degradados e homicidas.

Lo

O BOICOTE E O "LABEL"

Julgamos util dar a conhecer os seguintes dados, que tomâmos dum periodico operario, a respeito dos nomes que nos servem de epigrafe.

Conhecidas são as origens do boicote: em 1879, o riquissimo lord Erne tinha como administrador da sua fazenda, na Irlanda, o capitão Boycot, homem aváro e cruel, que esgotou a paciencia dos camponezes que se achavam debaixo da sua dependencia, até o ponto de negarem-lhe a submissão, e quando chegou o momento da sega não encontrou um segador.

Afortunadamente não estava ali o Pacho, do Lerroux, que chamava burguezes aos trabalhadores para justificar a ingerencia em assuntos obreiros de redentores politicos.

Perdeu-se, pois, a colheita, por falta de segadores; porém, não limitando-se a isto os seus dependentes, por efeito da sua propaganda chegou o misero Boycot a não poder viver no paiz, onde sofria uns efeitos semelhantes aos que a igreja catolica soube produzir na Edade Media com a excomunhão maior; pelo que o ex-administrador fugiu para a America, onde morreu na desesperação e na miseria, pagando assim as culpas da sua soberba e da sua avareza.

O exemplo deu seus frutos: o *boicote* se extendeu pela Irlanda, na Inglaterra e Alemanha. Praticado nos Estados Unidos, tem chegado a ser de uso corrente, e tem dado excelentes resultados. Na França introduziu-se depois, onde tem se usado pouco, apezar de alguns bons exitos, ainda que na actualidade tenda a generalizar-se. Na Espanha é quasi desconhecido; só recordamos os *boicotes* praticados em La Linea com bom exito, anteriores aos ultimos sucessos em que o maüser da ordem legal derramou sangue operario.

Os trabalhadores norteamericanos compreenderam depressa que *boicoteiar* um cômerciante revendedor e retalhistas que se acham em contacto directo com o publico, é facil; o dificil é *boicoteiar* o grande industrial que se acha separado do consumidor por numerosos intermediarios.

Discorendo sobre este ponto, deu-se com a solução:se ideiou o *label* ou marca de conhecimento aplicado aos productos de quantos burguezes se achem em bôas relações economicas com as sociedades obreiras e aceitado e generalisado seu uso a falta do *label* num estabelecimento ou nos productos duma industria é signal de inemisade com os trabalhadores e afasta ao consumidor.

O *label* e o *boicote*, um como auxiliar do outro, se acham em relação economica, e seus usos vai-se generalisando nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e ultimamente na França, trabalhando se na actualidade para generalisar internacionalmente o *label.*

O *label* deve a sua origem á defesa do jornal, organizada pelos trabalhadores da California contra a concurrencia dos chins, que trabalhavam por um jornal minimo, submetendo-se além disso pacientemente a todas as exigencias e ainda a todas as injurias patronaes.

Como a necessidade era obrigatoria, e os chins com ser pacientes até um extremo inverosimil para a dignidade do operario americano e europeu, são tão inteligentes que exercem com perfeição todos os oficios, e são tão numerosos como colonias de microbios, os operarios californianos depressa compreenderam e aceitaram o *label*, e á sua difusão e prática dedicaram-se com empenho, logrando pôr diques á ambição patronal e mantendo com firmeza sua organisação e seu salario.

Os cigarreiros foram provavelmente os inventores e propagadores do *label*, e a elles devem a organização como entidade operaria e, muitos, sem duvida alguma a propria existencia e a de suas familias. Principiaram aquelles inteligentes operarios por adoptar um sêlo, e exigir que os seus burguezes o puzessem nas etiqueta dos seus productos em sinal de que na sua fabrica trabalhavam operarios associados e que pagavam, a jornal ou empreitada, conforme os preços convenientemente tarifados. Em seguida ameaçaram com o *boicote* todo producto no mercado com o *label*, o mesmo que aos das industrias que, por efeito da engrenaje do trabalho, com elle puderam relacionar-se e apoiados por todos os consumidores operarios, sempre os mais numerosos, forçaram os burguezes, com boa ou má vontade, a submeter-se á imposição.

Generalisado o *label* por todas as organizações operarias de defesa e de resistencia, logrando pôr um dique á ambição da burguezia de maneira que na America representa relativamente um capital muito mais importante que o da grande burguezia da Espanha. Como detalhes episodicos da luta entaboada pelos trabalhadores com o *boicote* e o *label* os ha interessantissimos e dignos de ser conhecidos: uns causam riso, outros admiração e todos provam que, seja qualquer a linha empreendida pelos trabalhadores que directamente vão para a sua emancipação, principiando por emancipar-se de falsos redentores de blusa e casaca, vê-se sempre genio, constancia, dignidade e fé no ideial.

Não falta quem atribúa ao *boicote*, e ao *label*, que é um *boicote* indirecto, grande participação na causa da formação dos *trusts* americanos, cuja propaganda tem chegado já á Europa, como meio de defesa contra o avasalador poderio obreiro e acaso tenham razão os que isso creem; porém, mesmo assim, não já como operarios societarios, sinão como anarquista, temos a dizer: Melhor!

Quanto mais breve se encoste a burguezia no bêco sem sahida em que, por desviar-se do caminho amplo e formoso do progresso, se acha metida, mais breve haverá que romper revolucionarimente o obstaculo e passar adeante.

Considerâmos estas indicações necessarias e proveitosas para as sociedades operarias que por efeito de recentes campanhas contra os usurpadores do capital acumulado e dos meios de produzir, têem aos seus melhores socios, os meios inteligentes e os mais abnegados, sofrendo os inhumanos resultados do PACTO DA FOME.

Como é triste que depois de uma gréve utilitaria triunfante vão todos gozar da diminuição de horas e aumento de salario... menos os que em estricta justiça deviam partecipar em primeiro termo os quaes, sinão vão para a cadeia acusados de coações, de desobediencia e ataques á autoridade, ficam sem pão e passam pelas fadigas de vêr perecer de fome aos seres queridos.

Operarios ,inscritos na lista infame dos burguezes cambalachados, ha em Barcelona, Coruña, Gijón, La Linea, Sevilla, Reus, etc., já em toda Espanha, com os quaes apenas se faz mais que facilitar-lhes algum socorro pecuniario insignificante, resultado de subscrições modestas, por não dizer mesquinhas e que tiram espaço a nossos periodicos de propaganda, e cujas quantidades acontece serem roidas por pidões do genero a que alude nosso amigo e companheiro Malato em outro logar deste numero.

Estudem, pois, as organisações operarias se ha logar ao planteamento do *boicote* e do *label* na Espanha, siquer seja para *boicotear* o PACTO DA FOME e imitar a iracunda burguezia, emquanto não se logra destruil-a completamente pela Greve Revolucionaria.

(Traduzido da *Huelga General*, de Barcelona.)

Proprietarios, quaes são os vossos titulos? Haveis pago Mas quem tinha o direito de vender essa parte do patrimonio cômum? Esses territorios, nem são de vós outros, nem eram dos vendedores.

BRISSOT

Pelourinho

Nada mais doloroso para o homem de bons sentimentos que o espetaculo tristissimo da degradação humana; por mais ardente e propenso á luta, que seja o seu temperamento; embora tenha um fogoso espirito de combatividade, não consegue manter a imperturbavel calma do lutador quando ao devassar o fundo de uma consciencia, adquire a convicção de que os mais preciosos dons da natureza já foram prostituidos, no ser objeto sobre quem estabelecêra sua analise. E si este fenomeno se produz geralmente, pertença o infeliz a qualquer classe social, ainda com mais intensidade se manifesta ao tratar-se dum operario, victima inconsciente de si proprio e lacaio daquelles a quem serve de cão de fila, renegando a tudo quanto podia ter de mais precioso — a sua dignidade de homem. Porque todas as nossas energias, toda a nossa vida, puzemol as ao serviço da justa causa dos que trabalham, não nos alegra atacar um trabalhador. E' sempre possuidos duma amargura infinda que arrancamos a mascara aos traidores ou mostramos á plena luz a fisionomia do cobarde; e si deveres muito altos, muitissimo respeitaveis, quaes os da defesa cômum, não nos impuzesse o ataque a taes miseraveis, prefeririamos lançar sobre todos elles o manto da nossa indiferença, do nosso desprezo, certos como estamos que semelhante classe de inimigos é mais digna de lastima que de odio, mais merecedôra de um olhar de compaixão que dum golpe certeiro. Mas como a peçonha do reptil mata com tanta ou mais facilidade que as garras da féra, assim não podemos proceder sem prejudicarmos á nossa segurança cômum. Para ser completa a cura cumpre eliminar o mal em todas as suas origens. D'outra maneira se procedendo, apenas se consegue prolongar a enfermidade...

— Estas considerações nos sugeriu o procedimento repulsivo de Manuel Muniz Pacheco, porteiro da fabrica de tecidos "Confiança". Animado por interesses inconfessaveis, o referido sujeito, se tem constituido o maior inimigo dos operarios que ali trabalham. Homem duma educação detestavel, afeito as praticas as mais servis, não perde ensejo de bujular a directoria, transformando se num espião gratuito do capitalismo; tal é a sua fébre de adular, que se méte até pelos logares onde não é chamado, catando ocasiões de aparecer aos olhos dos directores como um *bom auxiliar*. A força de mexericos já obteve umas tantas alterações em prejuizo dos nossos companheiros.

Mencionar o ról das infamias de Pacheco, seria tarefa sobre fatigante desagradavel. E depois nenhum proveito resultaria disso. A directoria deve conhecel-o bastante para não se enganar a seu respeito. Os nossos companheiros daquella fabrica tambem o conhecem. Baste portanto a denuncia de mais este traidor, para que o conheçamos nós todos, e o nosso estigma o acompanhe por toda a parte onde elle fôr, como a sombra acompanha o corpo.

*

O *Jornal do Brasil*, orgam que se intitula defensor do proletariado, publicou, sabbado, 13 de junho, uma noticia curiosa, na qual annunciava que a directoria da fabrica de tecidos "Carioca" apresentára á delegacia daquella circumscrição uma lista de 27 operarios supóstos anarquistas. Ao mesmo tempo procurava a referida noticia, com uma cautéla que bem revelava um terror superticioso, varrer a ypotése de haverem anarquistas no Jardim Botanico.

Sorpreendeu nos o caso, e como se tratava de assunto que nos falava directamente, procurâmos sindicar do ocorrido e então soubemos do seguinte:

"No diá 11 do mez passado (quinta-feira), os menores que trabalham naquella fabrica, deante dos máos tratos de que eram victimas por parte do contra mestre que os dirigia e considerando muito diminutos os seus salarios, reuniram se expontaneamente, na ocasião do apito para o almoço, e resolveram declarar se em gréve. Tomada esta resolução pela unanimidade dos pequenos, quando soou novamente o apito afim de recomeçar o trabalho, nenhum entrou na fabrica.

Vendo-se atacado duma forma tão imprevista, o director, depois de esgotar todos os meios que julgou possiveis para fazel os submetterem se, teve de capitular e convidando-os a se aproximarem indagou do que elles pretendiam. Apresentaram então os pequenos as reclamações já enumeradas. E como o director mostrasse pouca vontade de atendel-os, começaram a proceder com mais acerto que muitos homens em identicas circumstancias: dânificando o material e apupando a directoria.

Deante desta atitude, o director julgou mais prudente acalmal-os satisfazendo em todos os termos a sua reclamação d'elles. Foi, portanto, despedido o barbaro contra-mestre e aumentado os salarios. Tudo isso no curto periodo de 1 1/2 horas.

Mas como era natural a individuos obsecados pela rotina, a directoria não poude conceber que um movimento tão bem organisado, fosse como efetivamente foi, da iniciativa exclusiva dos meninos. Entrou-se de desconfiança e começou de scismar neste pesadêlo dos exploradores, que é o anarquismo. Acrescendo ainda a circumstancia de na segunda-feira proxima ter de responder a uma reclamação dos operarios maiores, encheu-se de pavôr e quiz talvez daquella forma se prevenir contra perigos meramente fantasticos.

Entretanto nada aconteceu. A reclamação foi atendida e os operarios, que só cuidam da defesa dos seus interesses, sem outras preocupações que a conquista dos seus direitos, continuam a trabalhar honestamente.

E para concluir, dizemos nós ao *senhor* director: não pêrca o seu socêgo a preocupar-se com a destruição do anarquismo: por maior que seja a sua força jamais poderá resistir á nossa força que tem arrazado castélos muito mais fortes; porque é desenvolvida pelo ideial da Justiça e pelo verbo de fogo da Verdade. Conforme se com as leis historicas, si não quer fazer o papel duma casca de nóz que procurasse impedir o curso duma avalanche.

Quem lhe dá este conselho é um inimigo; mas, sobretudo, um inimigo leal.

*

Dóe nos o coração insistirmos sobre factos que só podem causar tristezas aos nossos companheiros, porém si o fazemos é pelo dever que nos assiste de abrirmos os olhos áquelles que não tendo uma orientação segura sobre o seu papel na sociedade actual, ainda se deixam iludir pelas labias mais ou menos insinuantes dos exploradores da ignorancia.

Entre as causas que até hoje têem operado para o atrazo do proletariado na conquista necessaria dos seus direitos, ocupa, sem duvida alguma, o primeiro logar a politica. E' servindo se duma norma de conducta astuciosa que o candidato a uma cadeira de *representante do povo* se insinúa ao espirito dos que o cercam até conseguir transformal os em instrumentos das suas ambições inconfessaveis. A historia das intrujices politiqueiras é tão velha como a da propria civilisação. Para chegar até nós tem sofrido multiplas e varias transformações, mas os prejuizos hão-se manifestado com um constancia desoladôra.

O socialismo em que Prudhon concentrára os sentimentos nobres de emancipação proletaria tem degenerado tanto nestes ultimos tempos que si aquelle digno operario revivesse, teria nojo dos que hoje se apregoam continuadores da sua obra. E' que passando por diferentes fazes, os socialistas da velha escola degeneraram em simples caçadores de diplomas electivos, colocando o *voto* acima de tudo. D'ahi a maneira dubia com que encaram os acontecimentos mais sérios pelo receio de incorrerem no odio dos governantes, que poderão em represalia incompatibilisal-os para todo o sempre com uma cadeira de deputado e assim perderem as suas mais ardentes esperanças. Receioso de que a verdade exposta em toda a sua nudez, provoque as coléras dos oprimidos, ocasionando algumas complicações, vivem a falar de paz e de ordem ao proletario, fugindo, cobardemente, á responsabilidade de qualquer conflicto.

Isso é o que se está vendo hoje em todo mundo sem excepção do Brasil.

E quando a violencia do capitalismo se apresenta irritante, estes supostos lutadores palidecem e fazem o apostolado da cobardia. A elles pouco importa que o grévista sofra as consequencias duma derrota. Si são policias secretas, procuram obter a soltura dos que tinham fatalmente de ser postos em liberdade e com isso proclamam os seus serviços, reclamando gratidão. Quando ha ocasião d'algum processo, mandam seus advogados fazerem uma defesa que em verdade nenhuma acção exerce sobre o julgamento, e dizem ter feito muito, não se lembrando que a defesa é assegurada a todo réo pelo proprio estado que para isso dispõe duma assistencia judiciaria; porque ninguem tem mais interesse em revestir as suas arbitrariedades dumas certas aparencias de justiça que os proprios opressôres.

No caso da fabrica do "Bomfim" é precisamente o que se está vendo. Depois de ter abatido com as suas palavras mistificadôras o animo dos operarios d'ali, ocasionando uma dissidencia fatal á causa cômum, o dr. Vicente de Souza, que a despeito de ser amigo do chefe de policia, não teve palavras energicas para protestar contra a prisão ilegal dum operario arrancado violentamente de sua casa, com ofensa da tão falada inviolabilidade dos domicilios, cômissiona agora advogados para acompanhar um processo núlo, querendo assim legitimar o acto do seu amigo.

E' superior a toda a paciencia, o insulto. Para humilhação nossa não basta que os nossos companheiros tenham sido despedidos e a fabrica triunfasse astutamente auxiliada pelos mistificadores de todas as épocas!... Ainda por cima se quer encerrar numa prisão aos vencidos, aos humilhados!...

*

E' com a mais profunda tristeza que temos acompanhado a marcha da gréve dos operarios da Mortona. Justamente indignados com o procedimento deshumano do dr. José Maria da Conceição, director daquellas oficinas, os operarios resolveram declarar-se em gréve afim de conseguirem a demissão daquelle *senhor*. Levado o facto ao conhecimento da directoria do Lloyd Brasileiro, esta desdenhando orgulhosamente prestar atenção aos operarios, mandou correr uma especie de moção de confiança entre os chefes das diferentes secções e depois afixou um boletim sobre arrogante insultuoso, em que declarava manter o tal individuo nas funções do cargo que tão ineptamente exerce.

Deante desta resolução irritante, os operarios julgaram mais acertado procurar o dr. Vicente de Souza e constituiram-no seu chefe. O referido dr. Souza, que além de ser medico é lente oficial do Gymnasio Nacional, chamou por sua vez o seu secretario, que é *persona grata de todos os chefes de policia*, e depois de fazer-lhes um discurso aconselhando paz, ordem e respeito ás autoridades constituidas, deliberou formar um prestito ambulante para, com elle na frente, victoriar a imprensa burgueza. Depois, supondo talvez de extrema necessidade fazer aos ministros e ao presidente da republica uma demonstração da sua força eleitoral, dirigiu-se primeiro ao ministro da industria, e por ultimo ao presidente da republica. Mas como era de esperar estas autoridades condênaram em toda a linha as prestações dos grevistas, desconhecendo-lhes capacidade para reclamar os seus direitos.

Efectivamente a resposta do dr. Rodrigues Alves fôra demasiado dura para ter sahido dos labios dum homem que já figura no calendario dos socialistas; porém, o habil jesuita não podia perder assim, de um dia para outro, o habito de prosternar-se ante os santos do dia; por isso, persistiu no proposito de reconquistar as boas graças das autoridades. O ministro da marinha, perfilhando a causa dos exploradores, ordênou que nas oficinas do arsenal dependente do seu ministerio fosse despachadas todas as obras do Lloyd, mesmo com prejuizo das do Estado. O governo assumia, por esta forma, acintosamente o partido da burguezia, lançando 800 familias na miseria para não ser castigado um individuo perverso.

O dr. Vicente de Souza, porém, não se deu ainda por satisfeito com as humilhações a que vinha sujeitando os operarios que tiveram a ingenuidade de entregarem-se-lhe cégamente e concebeu um novo meio de injurial-os. Convocou uma reunião para o Centro das Classes Operarias, e quando teve todos reunidos usou da palavra e aconselhou-os a pedir esmola! ás mesmissimas pessoas que por um capricho injustificavel os obrigavam a passar fome: isto é, ao presidente da Republica, aos seus ministros, e ao director do Lloyd Brasileiro!!

Com franqueza, póde conceber-se coisa mais irritante!

Só muita perfidia ou muita cobardia, póde ditar um alvitre semelhante.

Comtudo, ainda não estava satisfeito o ilustre *chefe*. Era preciso fazer quanto antes a apologia dos seus serviços; e para esse fim foi convocada uma reunião, da qual tirâmos, ao *Jornal do Brasil* o seguinte resumo:

"A's 8 horas da noite, reunidos no Centro para mais de 400 operarios e presente tambem o dr. Sabino dos Santos, advogado do Centro; o dr. Vicente de Souza abre a sessão, secretariado pelos srs. Alfredo Jansen Tavares e Alfredo Perestrello. Depois de apresentar á assembléa o dr. Sabino dos Santos, declara que, apresentando-o, apresenta um dos mais sinceros defensores. Ao concluir, grande salva de palmas soou no recinto.

Em seguida falou o dr. Sabino dos Santos, declarando que a gréve, *mesmo obra de uma coltividade, não teria vingado se não tivesse como esta tem á sua frente como guia, como timoneiro, o dr. Vicente de Souza;* a vossa causa é santa, disse o dr. Sabino dos Santos dirigindo-se aos operarios presentes; é a causa da justiça, da honra e da vergonha. Creio que os operarios do Arsenal de Marinha poderão servir-nos em muito, mesmo não fazendo causa cômum com os grevistas, auxiliando-os com obulos, si obrigados forem a trabalhar. Tenham fé, sigam o dr. Vicente de Souza, porque a calma nos levará a victoria".

O grifo é nosso. Mas, já se viu maior pouca vergonha! Então é o dr. Vicente de Souza, que tem casa e comida a tempo e a hora, pagas pelo estado, quem mantém a gréve!... E os operarios que para manter a dignidade da classe, sujeitam-se a passar fome, estes nada fazem, porque segundo o panegerista do dr. Vicente de Souza a gréve não teria vingado se não tivesse á sua frente o referido professor do Gymnasio.

Na ancia de retribuir aos elogios do seu amigo, não percebeu o dr. Sabino que fazia uma grande injuria aos humildes operarios, considerando-os incapazes de zelarem pelos seus interesses. Porém, não ha que ver; emquanto os operarios não se convencerem que só poderão encontrar amigos verdadeiros entre os proprios companheiros de infortunio, terão de receber em pleno rosto insultos desta especie.

Todavia não deixaremos passar desapercebida a infamia, e do alto destas colúnas, dedicadas exclusivaments as reivindicações proletarias, dirêmos bem alto, que semelhante insinuação é uma torpe mentira. Até hoje, se tem visto exactamente o contrario: todas as gréves em que se intrometeu o dr. Vicente de Souza, foram derrotadas; e nas em que os operarios se entenderam directamente com os patrões, como as do Jardim Botanico, Laranjeiras, etc., conseguiram plena victoria.

Isso que dizemos não é uma al-gação fortuita, os factos assim o demonstram.

*

Segundo afirmações que recebêmos, o chefe da oficina tipografica do *Jornal do Brasil*, Justino de Carvalho, é um individuo que abusa do cargo que lhe foi confiado, para proteger seus amigos com prejuizo flagrante dos demais operarios.

E' assim que emquanto um pequeno grupo consegue fazer diariamente de 12$ a 15$, por ser aquinhoado com os melhores trabalhos, reservando-se-lhes originaes para que não tenham ocasião de perder tempo, outros, tão bons operarios ou melhores do que estes felizardos, vêem-se na contingencia de parar a todo instante, passando pela tristeza de gastarem uma noite inteira para apenas fazer 3$ ou 6$. Isto ainda por muito favor.

Ora, o referido chefe acaso, por viver hoje em mais contacto com a burguezta, já esqueceu os tempos em que trabalhava na caixa?... Não se lembrará o paginador de hoje, do operario de hontem?... Si assim é; si o exercicio dum modesto cargo administrativo já lhe deu a nevrose da tirãnia, nós daqui lhe recordâmos que outros castélos mais altos têm sido arrasados!...

Não haja pobres, e a caridade será desnecessaria.

J. ALLADO

Na Burrica

A noticia do alarma produzido no palacio presidencial do Uruguay, por dois inofensivos gatos que naturalmente andavam entregues aos seus amores me fez rir a bom rir. Não é despido de originalidade, o caso; e si aparecesse um historiador á antiga os dois bichanos poderiam passar á pasteridade, como até nós chegou o incidente respeitavel dos gansos do Capitolio. Este é um bélo motivo para os filosofos oficiaes discursarem sobre a dedicação natural dos animaes ao governo do seu paiz; porque tenho por certo que o barulho dos gatos será, nesta ypotése, interpretado como um aviso á guarda do tirãno uraguayo. E como já alguem disse que *os gatos são enamorados romantincos que andam á noite cantando os seus rondões pelos telhados*; seria ocasião tambem dos psicólogos escreverem um tratado sobre os seus amores delles. Assim, a literatura contemporanea, que anda tão necessitada de assumpto, teria um novo filão para explorar, com a probabilidade dum premio por parte daquelle governo.

Acho o facto simplesmente bizarro! Todo um palacio em apuros, a familia presidencial cheia de pavor, o exercito de prontidão, a policia em correrias, canhões assestados, estado de sitio prestes a ser decretado, congresistas alerta, ministros a posto, generaes de espada em punho quaes modernos dons Quixotes a procurar o inimigo invisivel, cortezão por baixo das camas, emfim, môscas por cordas e mosquitos por arames... E de tudo isso foi causa dois bichanos! Muitissimo bizarro, pois não é?

Quem sabe se não são sináes dos tempos... Que digam a respeito os oraculos infaliveis.

Por meu turno, eu tiro a conclusão seguinte: *quando os governantes não têem a consciencia tranquila, a è os gatos fazem revolução.* Mas já se vê que este é um conceito anarquico.

*

Agora, leitores meus, permiti que vos dê leitura duma interessante comedia a cuja representação assisti invisivel como um espirito; porque eu, á semelhança do Divino, em toda a parte me acho.

Eil-a:

UM ARARA ou AVENTURAS dum MESTRE

Época: actualidade. A acção passa-se nas matas das Laranjeiras. A scena representa uma pequena clareira ao fim da qual se vê uma arvore onde ha traçado um pequemo circo, a guiza de alvo. No extremo oposto, fitando-o, estão tres sujeitos, mestre dos téares, Alberto, e dois contra-mestres.

SCENA UNICA

(*O mestre*, muito palido, segurando um revolver com mão tremula, debalde procura fazer pontaria.)

1° Contra mestre (em tom bajulatorio). — Não tenha receio sr. mestre. Despache-se.

2° Contra-mestre (tambem adulando). — Olhe, o sr. faça de conta que é uma pistóla.

O mestre (assustado). — Uma pistóla! Nem me fale nisso! E' arma com a qual não quero brincadeiras.

2° Contra-mestre. — Não senhor! não é de pistóla arma que eu falo. E' de pistóla fogo de se queimar.

O mestre. — Ah! isto é outra coisa. Meteste me um susto!

1° Contra-mestre.—Não faça caso sr. Alberto. Eu lhe vou ensinar (tomando lhe o revólver). A gente faz assim, (menção de quem puxa uma arma da cinta rapidamente e desfeixa-a na altura duma pessoa). Pum! e o cabra ha de cahir morto.

O mestre. — Já sei, já sei; dá-me o revólver. (Recebe a arma.)

2° Contra-mestre—Não trema, sr. Alberto. Conserve a mão firme.

1° Contra-mestre.—Faça como eu lhe disse, não tenha mêdo.

O mestre, (empunhando o revólver muito tremulo e palido).—Mêdo!...eu não tenho!...eu nunca tive..

(Nisto ouve se um assovio a *imitação de saguim.* O mestre toma um susto e o revólver cahe-lhe das mãos.)

1° Contra mestre (olhando espantado para as frondes).—Deve ser mico.

O mestre (idem).—Não é mico.

2° Contra-mestre.— E' mico, sim, sr. Alberto.

1° Contra-mestre. — Nestes matos ha muitos micos.

O mestre.—Ah!... Já o vejo. Está ali! (aponta)

2° Contra mestre.—Aquillo é um tronco sêco.

1° Contra mestre.—Efectivamente.

O mestre.—Ora essa! E eu que me parecia vel-o a mover-se!

2° Contra-mestre.—Vamos recomeçar o exercicio. O senhor precisa aprender a atirar. Com esses boatos de gré...

1° Contra mestre. — Essa canalha de operarios precisa uma lição em regra.. Olhe, só eu sou homem para trinta, estando com um bom revólver. Não me escapa um tiro. Mas vamos nós, sr. Alberto. Faça como eu lhe disse (entrega o revólver que apanhára do chão).

O mestre (recebendo o revôlver).—Vamos.

2° Contra-mestre.— Eu dou o sinál; um, dois...

(Ouve-se novo assovio, *o mestre* deixa cahir a arma, quasi desmaiando, e os dois contra mestres amparam-no, muito assustados.)

Desceu o pano, isto é findou-se a comedia.

Um Garôto

Que o povo reconhecendo a miseria em que jaz, aprenda a odiar á cobardia e a detestar aos tirãnos, que a aristocracia, fundada em sua incompetencia e obscena ociosidade, receba a flagelação do seu parasitismo, de sua insolencia e de sua corrução.

PROUDHON

Notas e Factos

A Camara dos Deputados, em sua sessão de sexta-feira, 20 de junho, aprovou em redacção final o projecto de lei 317 A, que regula a expulsão de extrangeiros do territorio da republica.

Sobre tal assunto, já nos temos pronunciado noutra secção deste jornal e franqueamos as nossas colunas para qualquer manifestação neste sentido a quem deseje atirar tambem sua pedra ao monstro.

*

Do companheiro J. Rocha Teixeira, recebemos a carinhosa carta que se segue:

" Companheiros d'*A Gréve* — Saudações.

E' com bastante prazer que acuso o recebimento do vossso jornal: ns. 2, 3 e 4, o que muito nos penhora, já por nos proporcionar o meio de maior propaganda, e tambem porque é um periodico digno de ser lido, visto como não trata de politica, nem de certas outras coisas que muito têem atrazado o operario. *A Gréve* é bastante independente e o homem trabalhador deve procurar a ler para assim se emancipar.

Vida longa é o que desejamos.

Secretaria da Associação da Classe União dos Chapeleiros. — *J. Rocha Teixeira*, secretario.

*

Para que ninguem se ilúda com certos individuos que se intitulam redentores do proletariado, transcrevemos a seguinte noticia do *Correio da Manhã*:

" *Centro das Classes Operarias* — Em virtude de, á ultima hora, ter adoecido pessoa de sua familia, deixou de fazer parte da comitiva do dr. chefe de policia á "Colonia do Dois Rios" o operario Antonio Pinto Machado, que nessa festa ia representar o Centro, em vista do convite feito por s. ex. o dr. chefe de policia, ao secretario da referida associação."

Agora perguntamos nós: — de que natureza serão as relações existentes entre o dr. chefe de policia e o dito secretario?... Tanta atenção do mais alto magistrado da policia pelo obscuro secretario duma sociedade operaria, não é caso de pôr a pulga atraz da orelha do mais ingenuo dos homens?

*

Na Colonia Correccional — " Somos informados de que, na Colonia Correccional de Dous Rios, passam-se verdadeiras scenas de selvageria e que são encobertas, m diante o terror imposto aos presos.

Submetem-nos a um rigoroso regimem militar, que não é senão uma maneira, de tal arte justificada, de oprimil-os.

E os castigos corporaes são a pena imposta para a menor falta em que elles incorram.

Ultimamente, dizem-nos, a estatistica dos castigos corporaes bem póde ser assim exposta em summa:

Malaquias, matricula n. 17, castigado com 500 vergastadas de cinturão do uniforme das praças de policia; Guilherme, n. 18, com 200 chibatadas; Diamantino, n. 22, idem; Manuel dos Santos, n. 11 e Giló, n. 19, castigados com varadas; Alfredo dos Santos, n. 7, e "Caboclo", n. 37, ambos horrorosamente seviciados, tendo sido o flagello do ultimo, a ultima das deshumanidades.

Collocaram no em um quadro de 90 presos e retalharam-lhe o corpo a varadas deixando-o depois sofrer, sem soccorros medicos imediatos.

Por esse motivo, dizem-nos, são frequentes as evasões de presos de Colonia.

Afim de ser apurada a verdade das informações supra, temos certeza de que as autoridades competentes farão abrir inquerito rigoroso e efficaz."

A noticia acima, em todos os seus termos, foi publicada pelo *Jornal do Brasil*, de 25 do passado. Fazemos esta declaração para que os advogados do autoritarismo, não levem a conta da nossa fantasia de anarquistas exaltados, os factos vergonhosos que ella relata.

*

Companheiros da "Gréve"

Saudações.

Alguns homens, chamando se defensores dos trabalhadores, mas não passando de politicos desfarçados, afirmam, deante do desenvolvimento que vão tomando as ideias emancipadoras, com o fim de torcer-lhes o curso, que o homem é demasiado máu para poder formar uma sociedade mais equitativa baseada na igualdade, na fraternidade e na independencia a mais absoluta do individuo; ao seu modo de ver, alegam que, em vista do antagonismo guerreiro que separa os homens entre si, é impossivel existir uma sociedade sem leis nem governo que reprima os abusos praticados pelos perturbadores da armonia e boa marcha da sociedade. E como propagam que os individuos por instinto de conservação perversa nunca se armonisarão, alardeiam que nós outros, os anarquistas, perpetramos a maior barbaridade e a completa desmembração do mundo, para o fim de nos devorarmos reciprocamente como antropófagos.

Entretanto nós desmentimos cabalmente estas suposições e pela prática vamos demonstrando que aquillo que perecia utopia, já se vai tornando realidade. Quem poderá prever a conducta do homem bastante instruido e educado para conhecer os seus deveres e direitos, creado num ambiente mais purificado e numa sociedade mais equitativa e mais justa, onde produza conforme as suas forças e consuma segundo as suas necessidades; onde todos os homens gozem do bem ou sofram o mal que as circumstancias determinem e desfrutem os bens da natureza; onde não hajam mais leis que as do trabalho, nem mais religião que a fraternidade da familia humana, nem mais reis, ministros ou deputados; porém tão sómente as ferramentas do trabalho para fecundar a terra!

Não será mais pratico que todos esses vampiros de frack e cartóla, organisadores de leis opressivas para o povo sejam convertidos em productores da sociedade anarquica, entregando se os homens á sabedoria das leis naturaes? Quem será tão ingenuo para acreditar que a miseria que pesa sobre as classes trabalhadoras, possa ser evitada por meio de leis votadas no parlamento?

Só o poderá crêr um ser sem consciencia, cuja razão não se abriu á verdadeira luz da emancipação, sem capacidade para compreender que todas as leis que não são emanadas da natureza, são perniciosas. Si o homem é máu na sociedade actual, de quem é a culpa? Do individuo ou da sociedade?... E' da sociedade, dessa sociedade infame onde não ha mais que exploradores e explorados, pobres e ricos, fartos e necessitados; em que uns vestem sêda e outros se cobrem de farrapos, uns habitam palacios suntuosos e outros cubiculos anti ygienicos, privados de luz e de ar, elementos indispensaveis á vida, indigentes do necessario para se nutrir.

Emquanto o operario se fatiga ao trabalho, os outros, os exploradores, esbangem largas somas em festins, orgias e passeios com suas amantes. Assim se estabelece a luta encarniçada e iniqua do capital com o trabalho, luta infame, que reduz os homens a viverem nas masmorras dos castelos inquisitoriaes, sofrendo as maiores torturas impostas pelos tirãnos dominadores duma sociedade corrompida, em que os criminosos repartem entre si os bens roubados, como os padres da santa religião mercadejam bençãos. Cobardes bandidos que roubam amparados por leis deshumanas mantidas por formidaveis exercitos que mantêem esta sociedade corrupta por meio do crime, do assassinato daquelles que ousam revolucionar-se deante de tanta opressão e tirãnia. E quem não se revoluciona em face de tamanha iniquidade? Vemos os homens convertidos em bonecas automatas, movendo-se ao impulso do capital, si não querem morrer de fome, e nas portas das casas cõmerciaes fazendo papeis ridiculos, vestidos de trajos carnavalescos para atrair mais atenções e poder iludir aos incautos afim de exploral os.

Ante tanta infamia e iniquidade levo o meu protesto ás columnas d'*A Gréve.*

Francisco Corral Gil.

Correspondencia administrativa

MONTEVIDEO — *La Rebelión* — Recebêram o paquete de "La Redención del Campesino" ?— *E. Palacios.*

CAMPINAS — *H. S.* — Recebêmos os 2$ que nos enviou. Satisfazemos com prazer o pedido na parte em que se refere á *Gréve*. Quanto aos folhetos, ainda não temos. *Les Temps Nouveaux* ainda não nos foi enviado; mas pelos numeros atrazados que temos á mão, os preços das assinaturas para o exterior é o seguinte: un an:, fr. 8; six mois, fr. 4; trois mois, fr. 2. As assinaturas pódem ser pagas em sêlos do correio de qualquer paiz.

Circulo Libertario Internacional

Continuando a série de conferencias de iniciativa deste Circulo, o nosso companheiro Pausilippo da Fonseca realizou mais as seguintes conferencias:

Domingo 7 de junho, sobre o tema: *O papel da mulher na sociedade anarquica.* Foi esta a 7ª conferencia da série e teve logar no Centro Operario do Jardim Botanico.

Ouviram-na diversas companheiras, as quaes manifestaram muita simpatia pelas ideias que o orador expoz. Alêm disso, houve tambem um numeroso auditorio de homens.

A 8ª conferencia, efeituou-se nas Laranjeiras em presença dum auditorio muito numeroso. Servio de téma *O capital e o trabalho*, conforme estava anunciado; e o orador discorreu no meio duma concentração de espirito sempre crescente. Esta conferencia, talvez por tratar-se duma tése que muito directamente se prende ao trabalhador, foi uma das que maior sucesso têem causado. O avultadissimo auditorio deu-se por satisfeito com as palavras do orador.

Teve ocasião na séde da Liga Operaria Italiana, a 9ª conferencia. Foi discutido o têma a *Caridade.*

Analizando a base em que repousa a tão apregoada filantropia humana, assim como as injustiças sobre que se erguem as instituições sociaes, filhas todas da desigualdade economica, o orador chegou a conclusão de que a *Caridade*, além de ser uma revoltante mentira, é uma infamia que tem servido de manto a toda sorte de explorações.

*

A proxima conferencia realizar-se-ha domingo, 5 do corrente, no bairro do Jardim Botanico. Os companheiros que desejarem ouvil-a devem estar presentes ao local até 2 1/2 horas da tarde.

LISTA DE SUBSCRIÇÕES

Saldo do n. 3 .... 17$000

Do C. L. J. — (Junho) — J. Jurado, 1$; Fernandes 1$; J. H. 1$; T. 1$; Corral 2$; Thomaz Amaral 2$; Ad. C. 4$; A. Dom 2$; P. Calvo 4$; Ciro 2$; M. Colon 2$; J. H. 3$; Adelino 2$; A. V. 2$; F. B. 2$; C. R. 3$; Magg. 2$; S. Del. 2$; E. P. 5$; Nic.Gim. 4$; O.do J. 2$; Bento 1$500; S. R. 2$; J. R. 1$; Genaro 2$; Emilio 2$; Contreras 1$; A. M. S. 3$; K. B. Sudo 1$; A. M. 2$; Vento R. 1$000; Lima 1$; Bento O. 3$; A. Alé 1$; A. Mac. 5$000.

Soma .... 76$000

Subscrição aberta pelo C. L. J. — J. Manzano 1$; A. Rodrigues 2$; J. A. 2$; J. R. 1$; Umberto Boavista 1$; Pasquoal Crota 1$; Costantino Pagliaccio $500; A. Ribeiro 1$; Tres companheiros 2$; Uno que espera 2$; Henrique Simas 1$; Um pintor 1$; Eduardo Reyes 1$000.

Soma .... 16$000

Lista de A. Mac. — Miguel Sevayo 3$; Um caipora 2$; Antonio Garcia 2$000.

Soma .... 7$000

Producto da subscrição aberta no Jardim Botanico — Lista a cargo de T. F. 9$; Lista a cargo de M. C. 43$400.

Soma .... 52$400

De Campinas — H. S. .... 2$000

Arrecadado na conferencia das Laranjeiras, em 14 de Junho, 10$240; Venda de jornaes 1$200; Folhetos "no café" 1$000.

Soma .... 12$440

Subscrição aberta em Laranjeiras — (Junho)— E. C. 2$, Um revolucionario 1$, Um que principia ter ideias 1$, Bota lá $500, Uma companheira $500, Uno $500, Qualquer cousa $500, Um companheiro $500, Um amigo 1$, La voluntad 1$, E. E. 1$, A. B. C. 1$, L. Cok 1$, M. N. $500, Cabanú $500, Um grevista 2$, Coelho 1$, Um amigo $500, Rigoleto 1$, José B. M. $500, Quatro costados $500, Uma mulher $500, C. C. 2$, O. B. 1$500, B. 2$, A. B. 1$, G. C. 1$, Catarinha 1$, Um que gosta $500, T. V. 1$, O. P. da Silva 1$, Qualquer $500, Pereira $500, D. L. $500, T. T. $500, Anton $500, E. C. $500, G. R. $500, M. S. $500, J. F. $200, J. D. S. $200, C. R. $500, J. L. $500, R. M. $500, F. L. $500, A. F. P. $500, José B. $500, Um homem 2$, Um grevista 2$, Um companheiro 2$, Um revolucionario 1$, O enemigo 2$, Um qualquer 1$, Francisco Sequeira 2$, Outro grevista 1$, José V... de Aguiar 1$, Um que espera a gréve 1$, P... $500, Um indio 1$, Eu te dirci 1$, Giuseppe Sanbelli 1$, Um que quere 1$, Um cachorro 1$, Um que era um chuco $500, Tres com goma 1$, Grevista $200, J. F. $200, S. B. 1$, L. F. $500, L G. $500, MassaroqueiroLato $500, Martins $200, Teodora $500, Lis Luz $500, M. E. M. 1$, José V. $500, Manuel Iba $500, D. S. 500, Medinas $200, Amaro L. S. R. $200, B. S. $500, Torradas $500; L. $200, Mica- $500, Antonio S. 1$, J. B. $500, G. $200, Guizado $500, J. do Norte $300, Um grevista $300, Espanhol $500, A. J. $500, Um companheiro $500, Um revolucionario $500, Amigo e companheiro $500, Um desordeiro grevista $500, Um que passa $500.

Soma .... 73$900

Total .... 257$240

Despezas com os ns. 4 e 5

Tipografia .... 200$000

Varias despezas (sêlos, carretos. etc.) .... 24$000

Soma .... 224$000

Saldo em caixa .... 33$240

*

Deixâmos de publicar as listas do Jardim Botanico, fazendo preceder as quantias das iniciaes ou pseudonimo de cada subscritor, por não a termos circunstanciadamente. Mas se algum companheiro exigir esta formalidade, reedital-a-êmos no proximo numero.

Tip.—Praça da Republica n. 32.